

A ESCOLA COMO LUGAR DE MEMÓRIA

Maria Lúcia Aguiar Teixeira

marialuciaaguiar@ig.com.br¹

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Este trabalho versará sobre o cotidiano de professoras formadas em uma escola capuchinha, bem como de suas práticas culturais e suas representações sociais. Neste sentido, o trabalho busca analisar as diversas construções do conceito de cultura relacionando com a formação dessas professoras, objeto da pesquisa em andamento. A referida pesquisa objetiva resgatar **os fatos históricos construídos a partir da história e memória das professoras** formadas pela instituição Católica das irmãs missionárias Capuchinhas em Caxias - MA, intitulado Colégio São José, na década de 1960 a 1970, bem como a posição social demonstrada por essas professoras, nesse período, ressaltando a importância da escola como uma instituição de preservação da história no município como patrimônio local de memória das professoras que ali se formaram. Nosso recorte temporal consiste na importância do período e também por ter como uma das fontes o relato oral e seus sujeitos participantes na sociedade. Constituem referências teóricas os conceitos de Chartier (1999), Le Goff (1996), Nora (1993), Thompson (1992) e Cuche (2002).

PALAVRAS-CHAVE: História; Lugares de Memória; Escola.

ABSTRACT

This work will address the everyday life of teachers trained in a Capuchin school, as well as of their cultural practices and their social representations. In this sense, the work seeks to analyze the various constructions of the concept of culture relating to the formation of these teachers, object of ongoing research. This research aims to rescue the historical facts built from the history and memory of the teachers trained by the institution of the Catholic Capuchin missionary sisters in Caxias-MA, titled high school San Jose, in the Decade of 1960 to 1970, as well as the social position demonstrated by these teachers, in this period, emphasizing the importance of school as an institution for the preservation of history in the municipality as local heritage of memory and the teachers who have graduated. Our temporal cut is given by the importance of the period and also for having as one of the sources the oral report and its subject participants in society. Constitute theoretical references, the concepts of Chartier (1999), Le Goff (1996), Nora (1993), Thompson (1992), Cuche (2002).

Keywords: History; Places of memory; School.

¹ Doutoranda em História pela Universidade do Vale dos Rios dos Sinos-UNISINOS, professora Assistente II da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA. Centro de Estudos Superiores de Caxias – CESC.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A ESCOLA COMO LUGAR DE MEMÓRIA

Das discussões realizadas na disciplina Cultura, Patrimônio & Lugares de Memória foram dialogados, com teóricos, conceitos acerca de cultura, memória e patrimônio, bem como visitas a monumentos e aldeias indígenas, como forma de vivenciar algumas manifestações culturais.

A partir dessas discussões, percebemos que a história enquanto história cultural não possui uma definição única no conceito entre os historiadores, alguns definem como herdeira da história, enquanto outros definem como herdeira da historiografia francesa, ou seja, história das mentalidades, surgida a partir dos anos 1960, muito importante para ligação das culturas dos vários povos. Como defende Cuche (2002),

As culturas das diferentes coletividades de imigrantes não são um dado acabado, como qualquer outra cultura. Elas são a resultante de inúmeras interações no interior de cada coletividade, bem com o das interações entre cada coletividade e as outras coletividades de seu ambiente social. (CUCHE, 2002 p.233)

A nova história cultural se origina de diferentes tradições, valoriza objetos, domínios e métodos diferenciados, considerando diversas abordagens e representações até sobre o já representado, ou seja, representações de determinada época depende do objeto cultural, seja ele material ou imaterial levando em conta sua representação. Acerca disso (Chartier,1990) destaca,

[...] trata-se de identificar o modo como em diferentes lugares e momentos determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler, [sendo necessário] considerar os esquemas geradores das classificações e das percepções próprias de cada grupo ou meio como verdadeiras instituições sociais, incorporando sob a forma de categorias mentais e de representações coletivas as demarcações da própria organização social. (CHARTIER, 1990 p. 25)

O estudo tem como abordagem principal o eixo memória enquanto elemento essencial, compreendendo que “o resgate” da memória faz com que as professoras dessa escola possam relacionar os acontecimentos da época a sua própria história de vida, suas experiências sociais e suas lutas cotidianas, bem como experiências sociais e cotidianas de outras épocas. Sobre isso *Jacques Le Goff*, afirma que,

“a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (*LE GOFF, 1999, p. 423*).

Afirma ainda,

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Deste ponto de vista, o estudo da memória abarca a psicologia, a psicofisiologia, a neurofisiologia, a biologia e, quanto às perturbações da memória, das quais a amnésia é a principal. (*LE GOFF, 1999 p.424*)

A escola armazena grande parte da memória social em decorrência de seu cotidiano e de sua temporariedade. Ela representa o momento de toda aprendizagem através de elementos utilizados na juventude, tais como normas; transmissão de valores; uniformes; caminho percorrido até à escola; brincadeiras e desafios; experiências com o grupo; material didático utilizado e outros acontecimentos que ganham sentido na relação social com o cotidiano. Isso mostra que a escola enquanto lugar de memória é ao mesmo tempo simbólica e material.

Nesse contexto, o colégio São José, loco da referida pesquisa, com seu prédio ostensivo para cidade, serve como documento dos acontecimentos passados, que refletem valores de uma época resguardados, não violável pois conserva em sua atuação ritual de origem da sua criação, como por exemplo, o uso diariamente da farda, de grande importância, a forma antes do início da aula para rezar pedindo e agradecendo a Deus, a entoação do Hino Nacional e o louvor a Virgem Maria e São José, padroeiro da escola Esses

atos acontecem no pátio principal da escola remetendo aos pais que por ali passam a um reavivamento da memória retomada naquele ritual simbólico. Dessa maneira, a escola como lugar de memória se apresenta de forma material e simbólica.

As memórias são importantes registros vividos que partem das lembranças e perpetuam lugares com referências e paisagem para um constante retorno ao passado, trazendo em si os mais diversos sentimentos documentados e expressados em narrativas, sonhos e percepções. Os lugares de memória de acordo com Nora (1993), “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea nas sociedades atuais, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais”, pois a aceleração do tempo nos faz esquecer ou desconsiderar o passado.

São lugares com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diferentes. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivo, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio que parece um exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre. (NORA, 1993,21-22)

Para Pierre Nora, os lugares de memória são, primeiramente, lugares em uma tríplice acepção: são lugares materiais onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; são lugares funcionais porque têm ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e são lugares simbólicos onde essa memória coletiva – vale dizer, essa identidade - se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória.

Trabalhar com a formação das professoras requer um conhecimento das memórias e histórias da rotina escolar, embora a realidade **social apresente grande crise**, as instituições escolares ainda podem ser espaços privilegiados para produção e reflexão de subjetividade de saberes; de encontro de pessoas; de reencontro com a história e com a vida; lugar onde memória, palavras e práticas podem ser compartilhadas.

As instituições de memórias buscaram criar vínculos com passado e não ligar-se a eles, exatamente porque nestas instituições o processo de atribuição de valor é sempre circunstancial. Instituição ligada ao poder e com poder de selecionar e decidir o que preservar, ela produz “lugares de memória” Nora (1993), e estes em última instância, estão mais ligados a uma história que a memória. Não há uma simples história, mas a história corrompida e petrificada, aquela sem mudança que fixa uma memória, daí efetivamente escapar da história. Os objetos (virtuais ou não) são organizados e hierarquizados pelas instituições de memória em torno desta fuga da história.

A solidariedade como forma de conhecimento produz práticas independentes, que produzidas da realidade do dia a dia se afirmam das vozes que não foram ouvidas e que não são reconhecidas como história, mas através da história oral são privilegiadas, reconstituindo o futuro pela produção de novos tempos. Dessa forma Thompson destaca,

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a serem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. (Thompson, 1992:44)

Em função disso, entendemos que pesquisar a formação das professoras através da história oral nos possibilita compreender o cotidiano da época, bem como suas práticas descartadas pelo modelo vigente, resgatando a memória como instrumento de formação de professores e o espaço escolar como um lugar de aproximação das pessoas. As trajetórias escolares e as memórias de formação são lugares privilegiados de construção do entendimento. São experiências intensas de exposição e autoconhecimento, de descoberta dos laços entre a memória pessoal e social.

A ideia de conservação e de heranças do passado enquanto ação cultural teve início no decorrer do século XVIII, permanecendo até o século XIX e se firmando concretamente no século XX. Atualmente cuidar do patrimônio constitui um campo do conhecimento que assegura sua integração pela legislação que protege e regula; pela prática

da restauração e da conservação de bens móveis e imóveis e pelo acompanhamento de profissionais especializados e pesquisadores ligados a patrimônios.

Em visita realizada pelo grupo de doutorandos de história em locais de memórias, na cidade de Imperatriz, surgiu a necessidade de pesquisar sobre documentos que foram encontrados em uma igreja, como forma de resgatar a memória da história da religião, bem como, a higienização, conservação e reinstalação desses documentos a partir de uma nova organização como forma de viabilizar o acesso de usuário.

Um outro local visitado foi a aldeia dos índios krikati que durante nossa presença na comunidade demonstraram interesse em conservarem sua cultura, mitos e compreensão coletiva, cerimonial, língua tradicional e ritual como forma de descrever e elaborar acontecimentos e traços culturais. Observamos que as memórias e os relatos orais são o que alimentam a identidade étnica krikati, contudo é bem claro o desejo de registrar, nos moldes da sociedade moderna, os elementos e diferenciadores dessa identidade. Existe na aldeia uma escola, onde leciona professora não índia e professora índia no ensino fundamental I, mas o processo de alfabetização fica sobre a responsabilidade da professora índia por ser feito na língua indígena, o processo de alfabetização dura em média dois anos.

Narrativas contadas pelos moradores antigos, traçam caminhos da construção de um lugar de memória em que os momentos marcantes desenham a história na memória afetiva de cada um. Desse modo, destacamos o filme *Narradores de Javé*, exibido em sala de aula, como um exemplo de local de memória, em que os moradores buscam escrever um documento científico com a história do vilarejo, que só quando estavam ameaçados de perder, se deram conta da necessidade de contar a história e transformar o local em patrimônio histórico. As representações sobre memória, oralidade e escrita presentes no filme sugerem o expansão da memória social e a redução da memória individual em função da difusão da escrita, revelando que as diferentes culturas geram modos de pensar específicos de acordo com o papel que nelas ocupam as expressões oral e escrita.

O filme ressalta o sentimento do povo do vilarejo como ponto fundamental para resgatar a memória do passado através da oralidade, mesmo sem ter documentos escritos

que comprovassem a identidade, do acesso e direito à cidadania, cada grupo conta ao seu modo. Isso mostra que a memória social e a individual são seletivas. Apesar do esforço dos moradores, as histórias não se completam.

Nesse sentido, o filme aborda diversos temas como, a formação cultural de um povo; heranças históricas; crenças; diversidade entre as memórias, invenção e as tradições do vilarejo, evidenciando a oposição de história e memória.

Dessa forma, comungamos com as ideias de Pierre Nora (1993) ao afirmar que memória e história se opõem. Seguindo o mesmo raciocínio, ele diz que, desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história. A memória seria, assim, um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente e a história uma representação do passado (NORA, 1993).

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos, em permanente evolução, aberta à dialética lembrança/esquecimento. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que já não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado, operação intelectual que sempre busca a análise e o discurso crítico. É justamente esse lado crítico que destrói a memória espontânea. (NORA,1993p.14).

Assim podemos compreender que memória é um processo de construção coletiva em que o indivíduo se apresenta em um contexto social, enquanto a história registra fatos e lembranças muitas vezes já esquecidas.

Conforme Le Goff,

A memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando, todas, pelo poder ou pela vida. (...) A memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder (LE GOFF, 1999, p.469- 470).

Desse breve recorte da pesquisa, ressaltamos a escola enquanto lugar de memória, considerando as memórias como experiências vividas anteriormente, na busca do que fizemos e de nossa identidade ligadas a história de vida.

Pensar o conceito de lugares de memória nessa conjuntura, e pensar a atividade de reinvenção criativa desses grupos, é pensar os processos de subjetividade subversivos por eles experienciados, no seio de relações sociais desiguais que permitiram continuar se reconhecendo enquanto grupo étnico.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberto a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulneráveis a todos os usos e manipulações, susceptíveis de longa latência e de repentinas revitalizações.(...) A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente.(...) Porque é efetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções.(...)A memória emerge de um grupo que ela une(...)A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto.(NORA, 1993, p.9;1).

De acordo com a citação, podemos dizer que a memória é seletiva, nossas lembranças são individuais, são histórica e social, notamos o mundo de acordo com nossas experiências.

PARA NÃO CONCLUIR

Este trabalho permitiu uma leitura acerca de história e lugares de memória, bem como levantar e coletar informações sobre vários locais de memória por proporcionar análise do objeto de estudo. Outro fato permitido durante a elaboração desse artigo, foi o encontro com ex-alunas do colégio São José, lócus da pesquisa, que atua em função administrativa e em outros setores da sociedade. Isso mostra a necessidade de manter viva na memória individual e coletiva das pessoas os acontecimentos como forma de ajudar a refletir sobre sua importância. Portanto o processo da memória intervém na releitura de vestígios, possibilitando uma análise mais concreta e real do que lhe é apresentado.

Entendemos que as narrativas contadas pelas professoras que serão sujeitos da pesquisa em andamento, poderão traçar um percurso que desenham um lugar de memória, rememorar seu passado adormecido para representar coletivamente mesmo aqueles vividos sozinho. Não existe uma memória verdadeira, mas reconstituída pelo grupo podendo ser acionada através de símbolos e ritos, que com a prática dão sentido ao grupo, resgatando a história de um passado, no sentido de reconstruir esse passado e dele lembrar.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger: **A história cultural entre práticas e representações**; trad.de Maria Manuela Galhardo. -Rio de Janeiro : Bertrand Brasil ; 1990.

CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. 2ª edição, Bauru, EDUSC, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo, Editora da Unicamp, 1996.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Khoury. *Projeto História*, São Paulo: PUC-SP, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

THOMPSON, Paul. 1992. *A Voz do Passado: história oral*. Rio de Janeiro. Paz e Terra.

FILME

NARRADORES DE JAVÉ, Eliana Caffé (direção). BRASIL, Lumiere / Vídeo filmes, 2003, 102 minutos, sonoro/colorido.